

Envolvimento da Família no Jardim de Infância

- Um Estudo de Caso –

Jessica Bernardo

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
jessica.bernardo94@hotmail.com

Sónia Seixas

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
sonia.seixas@ese.ipsantarem.pt

Nota introdutória

O envolvimento da família no jardim de infância, tem sido considerado como uma das variáveis com impacto significativo no processo de desenvolvimento das crianças, nomeadamente ao nível da motivação face às atividades que lhes são propostas (Homem, 2002). De acordo com Magalhães (2007), se as figuras de referência da criança usufruírem do apoio dos educadores de infância dos seus educandos, comunicando com os mesmos de forma regular, o desenvolvimento das crianças será efetivamente potenciado. Desta forma, é expectável e desejável que o/a educador/a estabeleça uma relação de colaboração com a família.

Sendo um tema tão pertinente, tem sido alvo de alguma investigação, sendo inúmeros os estudos desenvolvidos no âmbito da interação família – escola, contemplando várias dimensões (Sarmiento & Marques, 2006). No entanto, em Portugal, são reduzidas as investigações que integrem a perspetiva das crianças, nomeadamente que destaquem, como objeto de estudo, a sua participação nas práticas de envolvimento das famílias nas escolas. Algumas das razões apontadas para este menor enfoque, prendem-se com a baixa visibilidade das crianças e do seu papel nas dinâmicas sociais, e o entendimento tradicional da escola como um sistema onde os adultos educam as crianças (Sarmiento & Marques, 2006). Assim, pretendeu-se com o presente trabalho, investigar como é percecionado o envolvimento familiar por parte dos principais intervenientes em contexto de jardim de infância, incluindo as crianças, procurando responder à seguinte questão: “Como é percecionado o envolvimento das famílias no jardim de infância, na perspetiva das crianças, educadores, assistentes operacionais e familiares?”.

Para responder à questão de investigação, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) conhecer a perceção das educadoras de infância, assistentes operacionais e familiares, acerca dos benefícios do envolvimento da família no jardim de infância para o desenvolvimento da criança; b) perceber como é percecionado o envolvimento familiar no jardim de infância, pelos vários intervenientes deste processo; c) conhecer as estratégias utilizadas para promover o envolvimento familiar no jardim de infância; d) identificar os obstáculos que o/a educador/a possa encontrar no processo de envolvimento da família, no jardim de infância.

Enquadramento teórico

A construção das relações afetivas na família e no jardim de infância

De acordo com Silva (2011), a qualidade da relação afetiva com a criança contribui favoravelmente para um melhor desenvolvimento. Segundo a sua perspetiva, a afetividade desempenha um papel decisivo, sendo que, se for regular e consistente, é impulsionadora do desenvolvimento da criança a nível físico, emocional, intelectual e social, assegurando condições para um maior sucesso adaptativo ao atravessar as várias etapas da infância. Ao contrário, a ausência de uma relação afetiva pode desencadear perturbações, podendo inclusive ocasionar bloqueios emocionais que se traduzem em posteriores dificuldades perante as tarefas de desenvolvimento da infância e adolescência.

Assumindo as relações afetivas uma importância crucial para o desenvolvimento harmonioso da criança, importa refletir sobre as pessoas que as asseguram nos primeiros anos de vida, tornando-se os pais e a família mais próxima, nos elementos mais relevantes e com maior impacto nestas idades (Pugh, De'Ath & Smith, 1994).

Henry (1996) alerta para o facto de haver um conjunto de necessidades básicas que os familiares e profissionais de educação devem assegurar. Para a autora é claro que existem posturas determinantes nos procedimentos imprescindíveis para atender as necessidades da criança, como tal, é preciso olhar cuidadosamente para a forma como os adultos agem, bem como para os requisitos que implica cuidar e educar uma criança.

Segundo Brazelton e Sparrow (2003), a presença e disponibilidade da família, faz com que a criança se sinta importante na vida dos adultos por si responsáveis e,

consequentemente, uma maior segurança nessa relação. Os autores defendem a necessidade dos adultos reservarem parte do seu tempo para se dedicarem unicamente à criança, nomeadamente assegurarem a comunicação e partilha de atividades em momentos da rotina quotidiana familiar. As atividades podem ser muito diversificadas, desde a leitura de histórias, canções, brincar com a criança na hora do banho, entre outras, sendo momentos excelentes para a criança expor as suas questões, partilhar, explorar e divertir-se conjuntamente com os seus pais/familiares. Deste modo, a criança conseguirá reconhecer a presença de alguém que lhe confere a devida importância, que se preocupa consigo, que acompanha o seu dia-a-dia com dedicação e de forma regular, assegurando o seu lugar como um elemento importante na família (Brazelton & Sparrow, 2003).

À semelhança do que os encarregados de educação ou família da criança podem fazer, também o/a educador/a deve conseguir garantir oportunidades, no âmbito da rotina no jardim de infância, para criar momentos de interação individual com cada uma das crianças do seu grupo.

Tendo por base a perspetiva de Sá (2016), os primeiros adultos cuidadores da criança devem possuir três características essenciais que serão determinantes para o seu desenvolvimento, para a construção do seu mundo psíquico, através das experiências humanas e humanizadoras que estes lhes proporcionam. A primeira refere-se à sensibilidade e consiste na “possibilidade de o parceiro adulto oferecer uma resposta ao mesmo tempo emocional e atempada supondo a capacidade de uma leitura dos seus estados emocionais que permite um ajustamento vivo, ativo e sincronizado com os sinais que o bebé emite” (Sá, 2016, p. 5). A segunda relaciona-se com o ajustamento e com a ressonância afetiva, e revela-se a partir de “ajustamentos interativos intuitivos que permitem ao bebé manter ligados os elementos do mundo e os elementos de si próprio” (Sá, 2016, p.5). E a terceira prende-se com a continuidade e flexibilidade. Enquanto “A continuidade supõe que o parceiro adulto assegure referências temporais constantes e fiáveis” (Sá, 2016, p.5), entende-se por literacia emocional e reflexividade “a possibilidade de o adulto reconhecer o mundo interior e emocional que existe na criança desde os primeiros dias de vida e a capacidade do adulto reconhecer e ler as suas próprias emoções e perceber que elas têm um profundo impacto e desencadeiam afetos nos outros” (Sá, 2016, p.6). A mobilização destas três características, por parte dos adultos que interagem com a criança, são o melhor garante da qualidade do seu desenvolvimento.

Para garantir que o envolvimento da família no jardim de infância seja favorável ao desenvolvimento da criança, torna-se imprescindível que os adultos cuidadores se encontrem conscientes do seu papel relativamente às relações afetivas que constroem com a criança, assim como das características mais promotoras dessa mesma relação, cuja qualidade se repercute no desenvolvimento da criança e na sua segurança afetiva.

Envolvimento da família no jardim de infância

A família representa a primeira referência do mundo social para a criança, na qual constrói a sua perceção primordial da realidade e atribui significado aos factos do seu dia-a-dia (Diogo, 1998; Homem, 2002; Miranda, 2002; Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016). Como tal, faz todo o sentido que o/a educador/a de infância reconheça esse papel e procure promover o seu envolvimento no contexto educativo de cada criança (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016).

Procurando clarificar o conceito de envolvimento da família, verificamos que é frequente entendido como sinónimo de participação. Davies et al. (1989) efetuam uma clara distinção entre estes conceitos. Deste modo, considera-se participação, quando nos referimos à cooperação das famílias em atividades do meio escolar, podendo as mesmas colaborar em decisões relativamente à sua organização. Contudo, quando nos referimos ao “envolvimento da família”, pressupõe-se a dinamização de atividades por parte dos familiares que abrangem a interação e comunicação de três meios essenciais na educação da criança: casa, escola e comunidade (Homem, 2002).

Nesse sentido, e baseando-se numa perspetiva sistémica e ecológica, é fundamental que o/a educador/a de infância tenha em conta todos os contextos que influenciam o desenvolvimento de cada uma das crianças do seu grupo. No que diz respeito à organização do ambiente educativo, o adulto responsável deve procurar que os ambientes que rodeiam a criança estejam em sintonia e ativamente interligados. Assim, compreende-se que a relação que os profissionais de educação pré-escolar estabelecem com o meio e com a comunidade seja essencial, sendo que o envolvimento das famílias no jardim de infância, se torna imprescindível para o bom desenvolvimento das crianças (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016).

Segundo Spodek e Saracho (1998), sendo o envolvimento da família no jardim de infância uma mais valia para o desenvolvimento da criança, quando ele é assegurado de modo

regular, o trabalho concretizado com as crianças vai mais além, pois a aprendizagem nos dois locais (casa e escola) complementam-se reciprocamente. O facto de ambas as partes (escola e família) comunicarem regularmente e se apoiarem mutuamente, contribui para que haja estabilidade na relação, o que irá repercutir-se numa maior eficácia na educação das crianças e, por conseguinte, na promoção do seu bem-estar.

De modo a garantir as condições para uma boa relação entre a família e o jardim de infância, considera-se essencial que o educador estabeleça uma comunicação eficaz e frequente tanto com a criança como com os seus familiares. Efetivamente, Ferreira e Triches (2009) argumentam que o suporte de uma relação favorável entre a família e a escola, se alcança através da comunicação. A comunicação com a criança facilita o conhecimento das suas características, nomeadamente a sua personalidade, interesses, fragilidades, necessidades, estabelecendo-se de forma natural e espontânea uma relação de maior bem-estar, proximidade e afetividade com a criança, realçada nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016). De forma complementar, a comunicação com os encarregados de educação permite que se sintam apoiados pelo/a educador/a, no processo de educação das suas crianças, e permaneçam envolvidos na vida escolar dos seus educandos (Cardona *et al.*, 2013).

Ferreira e Triches (2009) enumeram um conjunto de sugestões que o profissional de educação pode propor aos encarregados de educação e/ou familiares, em prol do trabalho colaborativo, nomeadamente no que se refere à manifestação afetiva, hábitos de alimentação, atividades e tarefas, tal como rotinas a assegurar e a manter com a criança. Dum modo transversal a todas as suas sugestões, estes autores realçam a importância da criança se sentir amada e valorizada pelos seus familiares.

Brickman e Taylor (1996) enaltecem a relevância dos adultos cuidadores da criança manterem uma boa ligação com o contexto educativo, uma vez que, entre outros, auxilia a criança a fazer a transição de um ambiente educativo para outro sem que este processo seja vivenciado como uma mudança brusca. Através dos resultados obtidos numa investigação sobre a participação dos pais, concluem que a colaboração das famílias no jardim de infância se apresenta benéfica para todos os intervenientes. No que diz respeito às crianças, o envolvimento da família influencia positivamente a sua autoestima e motivação. Relativamente aos familiares, facilita uma maior compreensão do seu importante e

indispensável papel enquanto agente educativo, o seu entendimento sobre o desenvolvimento da criança, podendo igualmente usufruir de um maior apoio por parte do educador e da comunidade escolar. Por fim, para os/as educadores/as, este processo facilita a compreensão por parte dos familiares acerca das escolhas pedagógicas, nomeadamente, das estratégias e procedimentos utilizados, bem como das atividades desenvolvidas.

Em suma, e de acordo com o Ministério da Educação (1994), pode afirmar-se que a relação jardim de infância/ família se traduz numa cooperação mútua, onde os vários intervenientes contribuem para uma valorização recíproca, na qual se fomenta a partilha de vivências, culturas, experiências, saberes, entre outros, criando oportunidades de desenvolvimento interpessoal. Quando a família se encontra envolvida em meio escolar, verificam-se impactos no desenvolvimento e bem-estar das crianças, nomeadamente “influencia a qualidade das características das crianças, tal como a autoimagem positiva, o senso de otimismo e a orientação produtiva para as relações sociais (...) e ganhos na linguagem, habilidades motoras, conceitos e solução de problemas” (Magalhães, 2007, p. 167).

Estratégias e desafios do envolvimento da família no jardim de infância

O Ministério da Educação (1994), salienta que o primeiro passo que cabe ao/à educador/a dar, para garantir o envolvimento das famílias no jardim de infância, é tornar a instituição num espaço de todos, no qual os familiares se sintam acolhidos, confortáveis e apoiados, estando as portas da sala abertas para os receber.

Brickman e Taylor (1996), enumeram quatro passos fundamentais que o/a educador/a deve efetuar para que as famílias colaborem eficazmente com o jardim de infância. Em primeiro lugar é necessário criar objetivos que venham ao encontro das necessidades do/educador/a e das famílias. Em segundo lugar, devem implementar-se duas ou três atividades, para cada um desses objetivos definidos. Tendo sempre em conta os interesses e necessidades de cada criança, o/a educador/a deverá, igualmente, adaptar as atividades planeadas a cada contexto familiar existente no grupo. O terceiro passo consiste em realizar um balanço das atividades implementadas, o qual o/a educador/a deve fazer chegar a todas as famílias através de um resumo das atividades elaboradas em conjunto e sua respetiva avaliação. De preferência, o/a educador/a pode incluir algumas notas sobre a participação e envolvimento dos familiares durante o período em que essas atividades

foram dinamizadas. O último passo remete-nos para o ajustamento, ou seja, para que a participação e envolvimento dos familiares se possa converter num processo gradual e contínuo, o educador deve ajustar, reavaliando, reformulando ou criando novas estratégias, o envolvimento da família no jardim de infância.

Para as famílias que não apresentem tanta disponibilidade para se envolver e participar na vida do jardim de infância, podem-se sugerir outras ideias para o/a educador/a colocar em prática. Para que os familiares possam conjugar a sua vida pessoal e profissional, o/a educador/a pode comunicar antecipadamente as datas para as quais se encontram agendadas atividades ou ocasiões festivas. É igualmente espectável que proponha e concretize encontros frequentes com cada uma das famílias em que o foco da conversa seja a criança. Se não forem os encarregados de educação quem transporta a criança diariamente para o jardim de infância, o/a educador/a deve ter cuidado em manter o contacto com os mesmos, seja através do contacto telefónico, do envio de notas escritas, de email ou outro método que lhe permita facilmente alcançar uma relação contínua de proximidade.

Outra das preocupações que se espera que o/a educador/a tenha refere-se ao envio de um resumo informativo para os encarregados de educação, por forma a mantê-los informados acerca do que se passa no jardim de infância (atividades dinamizadas, eventos especiais, novas experiências, etc.) e ainda, propostas de atividades que a família consiga dar continuidade em casa.

Para que a família se sinta apoiada, o/a educador/a pode enviar, esporadicamente, artigos ou esclarecimentos sobre como poderão ultrapassar pequenas angústias diárias que os possam preocupar relativamente às crianças (como por exemplo, eventuais conflitos que ocorram à hora de deitar ou às horas das refeições). Com o intuito de dar a conhecer o dia-a-dia e evolução da criança no jardim de infância, o/a educador/a poderá gravar alguns vídeos da criança e fazê-los chegar aos seus encarregados de educação, bem como emprestar alguns recursos educativos que a criança possa levar para casa para usufruir com a família.

Quando a criança leva para casa algo que produziu no jardim de infância, o/a educador/a poderá acrescentar-lhe uma nota que clarifique em que contexto foi realizado e com que intenção pedagógica foi planeado. Esta estratégia permitirá que a família se mantenha informada não só acerca dos temas abordados e projetos que vão decorrendo, como

também das intenções do/a educador/a para o desenvolvimento da criança. Com o objetivo de promover o diálogo entre a família e a criança, na qual a mesma tenha oportunidade de explicar o que realizou, com quem e com que materiais, o/a educador/a pode criar um álbum fotográfico que inclua momentos e atividades vivenciados pela criança, sugerindo aos encarregados de educação que o levem para casa, visualizem em conjunto e o devolvam.

Nos casos em que as famílias não disponham de tempo para participar durante o horário letivo, podem ser apresentadas sugestões para que se envolvam no jardim de infância de forma mais indireta, respeitando a sua disponibilidade e horários. Caberá ao/à educador/a sugerir algumas atividades que poderão realizar nessas condições, como por exemplo: levar para casa e cuidar de animais ou plantas durante o fim de semana; realizar trabalhos manuais que sejam utilizados nas rotinas das crianças, como chapéus ou bonecos de pano, entre outras que possam ser levadas a cabo fora do horário e espaço do jardim de infância.

Para que o empenho das famílias ao participarem e envolverem-se no jardim de infância seja reconhecido, o/a educador/a pode ainda ter o cuidado de agradecer e elogiar todos os familiares que colaboraram, pois só assim se sentirão valorizados pela sua dedicação e provavelmente motivados a dar continuidade ao envolvimento demonstrado. Este agradecimento poderá assumir diferentes formas: desenhos, fotografias, postais, pessoalmente numa reunião ou algo personalizado que os façam compreender a importância da sua participação assim como o valor que o/a educador/a atribui a esse investimento.

Opções metodológicas para a recolha e análise de dados

Tipo de estudo

Segundo, Fernandes (1991, p.3), “(...) o foco da investigação qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está “por trás” de certos comportamentos, atitudes ou convicções”, como tal, e uma vez que os objetivos do presente estudo se prendem com o conhecimento das perceções acerca do envolvimento da família em contexto de jardim de infância, pode afirmar-se que a investigação em causa, é de natureza qualitativa.

Relativamente ao design da investigação, este caracteriza-se por um estudo de caso uma vez que se trata duma observação pormenorizada e intensiva de uma entidade. É destacado por Yin (1994), que a elaboração de um estudo de caso é a estratégia de pesquisa mais utilizada pelos investigadores quando procuram saber respostas ao “como” e ao “porquê” de certos acontecimentos, sobre os quais tem um controlo muito reduzido. Neste sentido, considera-se que o desenvolvimento de um estudo de caso acerca do envolvimento da família junto dos principais intervenientes de um jardim de infância (famílias, crianças, educadoras de infância e assistentes operacionais), se revela a opção metodológica mais adequada.

Sujeitos da amostra

O presente estudo teve como participantes as educadoras de infância, assistentes operacionais, encarregados de educação e crianças de um Jardim de Infância público com duas salas. Tendo sido contactados todos estes intervenientes, a amostra foi constituída por um total de 45 sujeitos: 26 crianças, 17 encarregados de educação, 2 educadoras de infância e 2 assistentes operacionais.

Relativamente às crianças, participaram dois grupos distintos: a) um grupo de 16 elementos, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, sendo 10 do sexo feminino e 6 do sexo masculino; b) um grupo de 12 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, sendo 7 do sexo feminino e 5 do sexo masculino.

Os 17 encarregados de educação, de ambos os grupos de crianças que participaram neste estudo, tinham idades compreendidas entre os 23 e os 47 anos, sendo 15 do sexo feminino e 2 do sexo masculino.

No que se refere às 2 educadoras de infância que o Jardim de Infância integra, estas apresentam idades compreendidas entre 56 e 60 anos, sendo que se encontram a exercer funções educativas entre os 35 e 39 anos de serviço.

Por fim, foram ainda incluídas as 2 assistentes operacionais, que se encontram a exercer funções de apoio às 2 educadoras de infância, com idades compreendidas entre os 60 e os 64 anos, tendo entre 20 e 38 anos de serviço.

Instrumentos para a recolha de dados

Foram várias as técnicas que estiveram na base da recolha de dados, nomeadamente a entrevista (aplicada às crianças e educadoras de infância), o inquérito por questionário (realizado aos encarregados de educação e assistentes operacionais) e, ainda, relatos de observação direta do diário de bordo (no âmbito das atividades de colaboração entre a família e o Jardim de Infância).

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), a entrevista permite ao investigador recolher dados ricos e consistentes, parecendo uma opção adequada aos objetivos desta investigação. A entrevista apresenta ainda outra particularidade extremamente relevante, pois exige um contacto direto entre o entrevistador e os seus entrevistados, levando-os a exprimir-se com maior veracidade e profundidade, acerca de questões que alimentam o interesse da investigação.

Relativamente aos inquéritos por questionário, apresentam como principais vantagens o facto de permitirem recolher e qualificar um conjunto numeroso de dados, visto que podem ser inquiridos simultaneamente um grande número de sujeitos (Quivy & Campenhoudt, 2005; Fortin, 2000). Fortin (2000) refere ainda que, ao manter o anonimato, pode fazer-se com que os sujeitos, ao preenchê-lo, se sintam mais confortáveis em revelar as suas verdadeiras opiniões.

No que se refere aos relatos de observação direta do diário de bordo, é referido por Quivy e Campenhoudt (2005) que a observação apresenta benefícios no sentido de possibilitar ao investigador recolher descrições do que observou relativamente a ocorrências ou atitudes, num momento específico do seu dia. Como limites, podem-se identificar eventuais dúvidas de registo e questões relacionadas com a interpretação das notas tomadas. Contudo, o diário de bordo é um instrumento que facilita o desenvolvimento do estudo, pois contém registos essenciais sobre a observação direta que podem completar outros dados obtidos através da amostra e, assim, contribuir para a triangulação dos mesmos (Meirinhos & Osório, 2010; Bogdan & Biklen, 1994).

Procedimentos éticos e investigativos

Antes de se iniciar a recolha de dados para a investigação, procedeu-se a uma conversa informal com os encarregados de educação, assistentes operacionais e educadoras de

infância, no sentido de pedir a sua colaboração, fornecer-lhes algumas informações sobre o estudo a realizar e explicar-lhes as fases da mesma.

Primeiramente, foram enviados os questionários aos encarregados de educação, em formato papel, nos quais se incluíram informações básicas acerca da investigação, nomeadamente os objetivos do estudo, o âmbito em que se desenvolvia, entre outros aspetos que a investigadora considerou relevantes destacar. É de salientar que nem todos os questionários foram devolvidos e alguns apresentavam um grande número de respostas em branco, tendo por isso sido excluídos da amostra.

De seguida, foi solicitado aos encarregados de educação que assinassem um termo de autorização, também em formato papel, para que fosse possível entrevistar os seus educandos e utilizar esses dados na presente investigação.

A investigadora estabeleceu um diálogo com as crianças, onde lhes foi explicado que estava a desenvolver um trabalho e que, para o concretizar, necessitaria da sua ajuda. Todas as crianças se mostraram bastante entusiasmadas para ajudar, tendo-lhes sido explicado que se iriam realizar conversas individuais sobre a sua família.

Seguidamente, elaborou-se um guião de entrevista com oito blocos. Pretendeu-se com o primeiro bloco legitimar a entrevista e motivar o entrevistado, no segundo bloco o objetivo foi conhecer as rotinas das crianças com a família, tendo o terceiro bloco procurado compreender a relação criança-família, relativamente ao seu dia-a-dia no jardim de infância. Os blocos seguintes centraram-se de forma mais direta sobre o envolvimento da família no jardim de infância (quarto bloco) assim como sobre os adultos de referência e os seus laços emocionais com os familiares (quinto bloco). O sexto bloco incidiu sobre o apoio familiar nas tarefas propostas pelo jardim de infância, o sétimo bloco foi dedicado à relação emocional família – criança e o último bloco foi dedicado à conclusão da entrevista e aos agradecimentos pela colaboração do entrevistado.

Procedeu-se à realização das entrevistas às crianças, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas. Foi entrevistada uma criança de cada vez, num local da sala à sua escolha, enquanto as restantes crianças brincavam no exterior. A maioria das crianças não apresentou dificuldades em responder às questões colocadas, no entanto houve necessidade de dividir a entrevista em dois momentos, dado que se encontrava demasiado extensa para as crianças mais novas.

Paralelamente, foi realizado um guião de entrevista com dez blocos e implementadas as entrevistas às educadoras de infância, uma de cada vez, em horário pós-letivo e num local à sua escolha, dentro do Jardim de Infância. À semelhança das crianças, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Por último, foram enviados por e-mail os questionários às assistentes operacionais, sendo que estes foram devolvidos com algumas respostas em branco, nomeadamente no que se refere às questões que solicitavam uma justificação à resposta dada anteriormente.

Todos os participantes do estudo demonstraram deste início, disponibilidade e motivação para colaborar, tendo concedido a sua autorização para recolher todos os dados. É de destacar que a investigadora assegurou a confidencialidade das informações que lhe foram fornecidas, bem como o anonimato de todos os participantes. Com vista a garantir a confidencialidade, foram atribuídos códigos a cada entrevista, por forma a possibilitar a comparação dos dados recolhidos sem a identificação dos sujeitos. Por fim, importa ressaltar que todas as informações obtidas, foram utilizadas apenas para o exposto desenvolvimento da presente investigação.

Na terceira e última fase deste exercício investigativo, efetuou-se o tratamento das respostas obtidas através dos questionários aplicados aos encarregados de educação e assistentes operacionais. De seguida, tendo em conta as orientações de Bardin (1977), foi realizada a análise de conteúdo às transcrições das entrevistas, realizadas às educadoras de infância e às crianças. Assim, foram elaboradas duas grelhas nas quais se procedeu à identificação das unidades de sentido e, posteriormente, a sua integração em categorias e subcategorias. Por fim, conseguiu-se intercalar os registos efetuados no diário de bordo com os resultados das entrevistas e dos questionários.

Recolha de dados investigativos

Análise global e comparativa dos dados

A presente análise global e comparativa dos dados recolhidos, procurou seguir os objetivos inicialmente traçados para o estudo. Assim, a triangulação dos dados, permitiu o seguinte:

Relativamente ao primeiro objetivo, foi possível especificar os benefícios do envolvimento da família no jardim de infância para o desenvolvimento da criança, nomeadamente, através do discurso das educadoras. Foi referido que, quando esse envolvimento é frequente e contínuo, acarreta benefícios para todos os que nele se encontram envolvidos, sendo que destacam a segurança afetiva como o aspeto com maior impacto na criança. Esta relevância tem sido igualmente salientada por outros autores, nomeadamente Silva (2011), ao defender que as interações afetivas, quando suportadas no carinho, afeto e apoio, se revelam cruciais para o seu bom desenvolvimento da criança. Para além dos benefícios mencionados pelas educadoras para a criança, educador, e família, foram também salientadas repercussões positivas ao nível da gestão do currículo e da promoção das relações inter-geracionais e/ culturais. Relativamente à interação com idosos, nomeadamente avós, é realçado por Brazelton e Sparrow (2003) como um aspeto que se revela crucial para a partilha de histórias e memórias tal como para a transmissão e ensinamento de valores, tradições e costumes antigos que consagram vivências de outras gerações. Assim, as atividades inter-geracionais, mostram-se proveitosas para as crianças e idosos, e ainda auxiliam a promoção do respeito e valorização de indivíduos de gerações mais antigas.

Neste mesmo domínio, foi referido pelos encarregados de educação que o envolvimento da família no jardim de infância acarreta benefícios para a criança, sendo que esta se sente acompanhada, adquire maior segurança em si mesma, aumenta a sua autoconfiança, assim como a motivação para aprender e frequentar o jardim de infância. Deste modo, admitem acarretar consequências positivas a nível do crescimento pessoal, imprescindíveis para a aquisição de competências necessárias ao bom desenvolvimento e bem-estar das suas crianças, o que se encontra em consonância com Magalhães (2007, p. 167), ao defender que o envolvimento familiar “...influencia a qualidade das características das crianças, tal como a autoimagem positiva, o senso de otimismo e a orientação produtiva para as relações sociais (...) e ganhos na linguagem, habilidades motoras, conceitos e solução de problemas”. Os encarregados de educação mencionam ainda que, a sua participação em propostas elaboradas pelo jardim de infância, fortalece a sua relação afetiva com o mesmo, sendo esta um elemento facilitador e proveitoso aquando da transição das crianças do meio familiar para o meio escolar. Tendo em conta o ponto de vista de Pugh, De’Arth e Simth (1994), a criança, ao frequentar o pré-escolar, desenvolve a sua autoestima e

autoconfiança, aprende a valorizar os outros, acarretando responsabilidades sobre as suas escolhas. Em concordância com Brickman e Taylor (1996), podemos afirmar que o envolvimento da família no jardim de infância se revela pertinente e benéfico, sendo que uma boa relação entre ambas as partes se traduz em impactos positivos, entre eles o facto de auxiliar a criança a fazer a transição de um ambiente educativo para o outro, sem que este seja um processo doloroso; facilitar a interpretação das mudanças de comportamento da mesma, por parte de todos os seus cuidadores; e propiciar o conhecimento de atividades realizadas no jardim de infância, que podem ser efetuadas com outros adultos noutros locais, em prol do bom desenvolvimento da criança.

No que respeita às respostas das crianças, foi mencionado que, quando a família correspondia às propostas de envolvimento do jardim de infância, se sentiam bem e mais felizes. Neste sentido, relativamente ao segundo objetivo, importa referir que este foi alcançado, no sentido em que foram recolhidos vários indícios que permitiram compreender de que forma o envolvimento da família influenciava o estado emocional das crianças. De modo semelhante, Brickman e Taylor (1996) confirmam a pertinência das conversas entre a criança e a família, destacando o educador como um elemento estimulador das mesmas, ao propor certas atividades a serem realizadas em família. No âmbito da autoestima e das condições que a desenvolvem, Brazelton e Sparrow (2003) salientam que os cuidadores da criança contribuem para o aumento da sua autoestima, nomeadamente quando valorizam e aceitam as estratégias individuais com que a criança enfrenta os desafios que a rodeiam. Em simultâneo, estes adultos podem contribuir para o aumento da segurança que a criança tem em si própria e em relação aos seus atos, apoiando a criança na sua tomada de decisões, consolidando o seu sentido de segurança no momento de concretizar as suas próprias escolhas.

No que se prende com a atitude dos familiares face às propostas de envolvimento no jardim de infância, por parte das assistentes operacionais, foi referido que, na generalidade, as crianças demonstram o que estão a sentir e, para quem as acompanha diariamente, são claras as alterações no seu estado emocional consoante a adesão manifestada pela família. Desse modo, salientam que o envolvimento familiar no jardim de infância tem implicações diretas na vivência emocional das crianças. Mais se acrescenta, na perspetiva das educadoras, que o envolvimento familiar pode originar constrangimentos para as crianças, a nível emocional. Deste modo, salientaram que, quando as crianças sentem

que a família não corresponde, não se encontra presente ou envolvida, refletem tristeza e desilusão.

Também nos testemunhos das crianças, foi possível confirmar este facto, dado que, aquando da ausência de apoio dos familiares para realizar tarefas propostas pelo jardim de infância, mencionaram, por exemplo, ficar tristes por ninguém as ter auxiliado. Tal também se pode verificar na reflexão efetuada acerca do dia da família e festa de finalistas do Jardim de Infância, nos registos de diário de bordo, no qual um dos encarregados de educação falhou com a sua presença tendo-se refletido diretamente no estado emocional da criança que o aguardava.

Acerca do terceiro objetivo, pode salientar-se que foi atingido, visto que se conseguiu perceber como é sentido o envolvimento familiar no jardim de infância, pelos vários intervenientes deste processo. Na perspetiva das crianças, os familiares habitualmente cooperam com o jardim de infância, participando em atividades e dias festivos, contudo, manifestam o desejo deste ato ser mais regular e frequente, referindo inclusivamente exemplos do que gostariam de elaborar em conjunto com as suas famílias no espaço do jardim de infância. Na sua grande maioria, as crianças apreciam as propostas de envolvimento da família no jardim de infância, admiraram a sua execução e resultado, salientando o auxílio das pessoas que são importantes para si. Para além disso, realçam a interajuda, o trabalho colaborativo, e ainda, o facto destes momentos lhes permitirem o fortalecimento da relação de proximidade que mantêm com os seus familiares de referência. Nas palavras de Brazelton e Sparrow (2003), a criança sente que é um elemento importante na família, quando há alguém que lhe concede valor, que se preocupa consigo, e acompanha com dedicação o seu dia-a-dia.

Tendo em conta o discurso das educadoras, o envolvimento das famílias é diferente em cada um dos grupos, sendo que num dos grupos, os familiares se revelam mais participativos, interessados, motivados, e cooperantes, mantendo-se envolvidos no que acontece no jardim de infância. No outro grupo, é referido que as famílias em geral, não demonstram essa predisposição, colaborando (salvo algumas exceções) muito esporadicamente.

Relativamente à situação considerada ideal de envolvimento das famílias no jardim de infância, as educadoras mencionam que seria do seu agrado se estas tomassem uma maior iniciativa, questionassem, comentassem, e fossem mais exigentes na conclusão de

projetos já iniciados no ano anterior. Não obstante esta ambição, é visível no discurso de ambas as educadoras, o respeito e aceitação pela situação atual, não insistindo nem pressionando, sendo o envolvimento possível com as famílias destas crianças deste ano letivo. A interação entre o jardim de infância e as famílias, é um trabalho de cooperação de ambas as partes que contribui para uma valorização recíproca (Ministério da Educação, 1994). Se a família se envolver no jardim de infância, é muito provável que a criança sinta maior motivação e apoio para se debruçar sobre novos desafios, podendo essa cooperação refletir-se num cuidado especial sobre o que a mesma sente, sobre as suas preocupações e questionamentos, sobre a forma como entende os outros, e se envolve no meio que a rodeia.

Na perspectiva dos encarregados de educação, uma parte significativa considera-se envolvida no jardim de infância, sempre que lhes é possível. Referem o facto de manterem uma comunicação regular com o jardim de infância e participarem no que lhes é proposto, acompanhando os seus educandos. Apesar de em menor número, alguns encarregados de educação afirmam ainda voluntariar-se para dinamizar atividades. É ainda referenciado pela maioria dos encarregados de educação que se encontram interessados e recetivos à receção de novos desafios em família, tal como os que foram lançados pelas estagiárias em prol do envolvimento familiar.

Tendo em conta o discurso das crianças, familiares e comunidade educativa (educadoras de infância e assistentes operacionais), a cooperação de uma das avós, referenciada nos registos de diário de bordo deste estágio, e ainda a observação realizada ao longo do estágio, comprova-se o gosto, interesse, e motivação, em especial das famílias e das crianças, para acolher novos desafios no âmbito do envolvimento familiar no Jardim de Infância. Quando existe regularidade no envolvimento da família no jardim de infância, o trabalho que é realizado com as crianças não fica estanque apenas num local (casa ou contexto escolar), pois as aprendizagens que se promovem em ambos os sítios, completam-se (Spodek & Saracho, 1998).

Quanto às assistentes operacionais, observa-se uma discordância de opiniões relativamente ao envolvimento das famílias no jardim de infância, muito provavelmente decorrente da sua experiência em duas salas diferentes. Se por um lado, uma assistente operacional defende que a maior parte das famílias cumprem a sua obrigação no transporte dos

seus educandos no percurso casa - jardim de infância e na participação em reuniões, não estando contudo envolvidas no dia-a-dia do jardim de infância, a outra refere que as famílias se mostram envolvidas, nomeadamente motivadas a participar em dias festivos, a cooperar em atividades e a solicitar informações relativas aos seus educandos, revelando preocupação e atenção constante aos mesmos.

O quarto objetivo foi igualmente alcançado, na medida em que se identificou um conjunto de estratégias a utilizar para promover o envolvimento dos familiares mais próximos da criança no jardim de infância. Entre as estratégias sugeridas, destaca-se no discurso das educadoras: o envio e/ ou troca de informações com/ e para a família; a troca de saberes e tradições; a participação em atividades e/ ou projetos e/ou visitas de estudo; a comemoração de épocas festivas; e as reuniões e/ ou encontros individuais.

Referem, porém, que para se estimular o envolvimento da família no jardim de infância, é necessário promover algum ajustamento, tendo em consideração alguns aspetos em relação às crianças e às suas famílias, procurando adequar o envolvimento aos seus perfis. Por outro lado, o motor das suas estratégias é a motivação que criam nas famílias, para se envolverem de forma contínua, tornando o envolvimento num processo eficaz, de proximidade, em que se assegura o respeito mútuo e no qual se concebe o tempo que as famílias requerem para que o envolvimento da família ocorra de forma natural, e até espontânea. De acordo com Brickman e Taylor (1996), podem-se identificar quatro aspetos essenciais que o educador deve ter em conta para que a família se envolva eficazmente no jardim de infância. O primeiro assenta na criação de objetivos, partindo dos interesses e necessidades de ambas as partes. O segundo prende-se com a promoção de, no máximo, três momentos que vão ao encontro de cada um dos objetivos delimitados, sendo que o educador deve ter o cuidado de adaptar estes momentos a cada contexto familiar. O terceiro consiste em realizar um resumo desses momentos para as famílias, procedendo à avaliação dos mesmos durante a sua implementação, por forma a obter pormenores que lhe permitirão uma avaliação mais precisa. Por fim, para que o processo de envolvimento da família seja progressivo e contínuo, o educador tem o dever de ajustar, reformular, reavaliar, criar novas estratégias, para que as famílias se envolvam de forma confortável e benéfica para todos os intervenientes.

Confirmando esta perspectiva, os encarregados de educação consideram que o empenho das educadoras na comunicação com as famílias é regular, salientando que as estratégias a que as mesmas recorrem para a sua promoção são adequadas, proporcionando-lhes uma relação de maior proximidade com o jardim de infância. Sendo a comunicação com o jardim de infância, um processo fomentado com grande frequência, afirmam que lhes permite também a recolha de informação, com maior facilidade, relativamente ao processo de desenvolvimento das suas crianças.

Quanto às assistentes operacionais, salienta-se o relevante contributo que desempenham na promoção e eficácia da comunicação e articulação do jardim de infância com as famílias, sendo que a estratégia que utilizam para o alcançar passa por cumprirem as necessidades de correspondência entre a família e o meio escolar, satisfazendo os interesses das famílias consoante as suas demandas. Assim, a adequação da interação família-jardim de infância requer dos profissionais de educação um olhar atento e cuidado, no qual se decifre as características de cada família e, com base nelas, se adequa o envolvimento aos seus perfis (Magalhães, 2007).

Para além deste aspeto, tendo como referência Brickman e Taylor (1996), torna-se indispensável que o educador mantenha uma boa comunicação com a família, mesmo não sendo possível fazê-lo presencialmente, é fundamental que ocorra de forma regular, favorecendo a construção de uma relação de proximidade contínua. As próprias crianças revelaram uma forma indireta de envolvimento da família no que acontece no jardim de infância, uma vez que, na sua generalidade, referem conversar com os seus familiares diariamente sobre o que vivenciaram, motivando-os a envolverem-se, por iniciativa própria.

Em suma, reportando-nos à investigação de Brickman e Taylor (1996), é possível identificar um conjunto de benefícios decorrentes do envolvimento familiar em contexto de jardim de infância, para todos os intervenientes. Assim, relativamente aos benefícios apontados para as crianças, quando a família se mantém envolvida, estas revelam uma maior autoestima e motivação. Relativamente aos educadores, beneficiam com o facto de este envolvimento facilitar a compreensão dos familiares e da sua dinâmica, nomeadamente, das decisões pedagógicas que tomam (estratégias, atividades, procedimentos, entre outros aspetos). Finalmente, para os encarregados de educação, compreendem com

maior facilidade o papel da educação e a importância da sua cooperação no mesmo, beneficiam de um maior apoio por parte do educador e da comunidade escolar, bem como propicia uma melhor percepção relativamente ao desenvolvimento da criança. Em última análise, poderá funcionar como um ciclo: ao sentirem estes benefícios, irão consequentemente aumentar a sua motivação para se envolverem, aumentando também o número de familiares a cooperar e a tomar, por sua livre e espontânea vontade, a iniciativa de interação com o jardim de infância.

No que se prende com o quinto e último objetivo, constata-se que o mesmo foi alcançado, pois identificaram-se as principais barreiras que o educador pode encontrar no processo de envolvimento dos familiares das crianças, no jardim de infância. As educadoras de infância salientam como principais dificuldades a baixa iniciativa das famílias, as características da estrutura familiar de algumas crianças, a instabilidade financeira das mesmas e ainda, a falta de percepção por parte das famílias, acerca da pertinência do seu envolvimento no jardim de infância, para o bom desenvolvimento das crianças.

No caso das assistentes operacionais, é mencionado que as famílias não se envolvem com maior regularidade, visto que o fator tempo não lhes permite. Todavia, alertam que uma das condições que pode originar esta dificuldade, remete para a pouca eficácia na comunicação entre a família e o jardim de infância, dado que se fosse eficiente podia contribuir para uma melhor organização do tempo, possibilitando a presença dos encarregados de educação ou família noutros momentos.

Considerações finais

Entende-se que a presente investigação possa constituir uma mais valia, não apenas pelos resultados obtidos como também pela possibilidade de incluir as perspetivas das crianças, acerca do envolvimento das suas famílias no jardim de infância. Ao nível dos resultados, o estudo reforça a importância de envolver as famílias no contexto escolar das crianças, contudo, esse envolvimento deve-se caracterizar por ser um processo de interação contínua e de mútua pré-disposição dos seus intervenientes, pois só se revela benéfico para o bom desenvolvimento da criança quando existe respeito, motivação, iniciativa, dedicação e espírito de interajuda. Neste sentido, salientam-se as palavras de Almeida, et al. (2005, citado por Carrega, 2014, p. 31) nas quais defende que “O Pré-Escolar é assim um espaço

e um tempo em que a criança desenvolve competências, sendo adotada uma postura ativa e exploratória, facilitadora da sua autonomia, aprendizagem e compreensão da realidade, em que os agentes educativos têm um papel imprescindível como “parceiros” de reciprocidade relacional e resolução de problemas. Uma das características do Pré-Escolar será saber valorizar a rede de relações que se cruzam entre as crianças e os seus mundos sociais: as famílias e demais elementos integrantes do seu “espaço mais próximo” ou “microsistema”, enquanto contextos de oportunidade de saber (potenciais de aprendizagem e de desenvolvimento)”.

Pelos dados obtidos, a maioria dos familiares que compõem a amostra, não se encontram envolvidos no jardim de infância, visto que a grande maioria apenas participa esporadicamente, entendendo-se que esta sua participação não é sinónimo de envolvimento. Estar envolvido no jardim de infância pressupõe estar implicado de uma forma mais íntima, comparativamente ao que se verificou. Deste modo, conclui-se que a grande maioria das famílias se encontram apenas a participar, sendo esta uma estratégia a adotar num caminho de progressão para atingir o nível de envolvimento no jardim de infância que tanto é desejado pelos profissionais de educação e pelas crianças.

Para se envolver a família no jardim de infância, é necessário que a mesma seja acolhida de forma espontânea e progressiva, cabendo ao(à) educador(a) um papel central na implementação das estratégias mais adequadas nesse sentido. É referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016, p. 16) que “os pais como principais responsáveis pela educação dos filhos, têm o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico, não só sendo informados do que se passa no jardim de infância, como tendo também oportunidades de dar contributos que enriqueçam o planeamento e a avaliação da prática educativa”. Neste sentido, podemos assumir que o envolvimento das famílias no jardim de infância se trata de um processo sensível que, aquando da reunião das condições necessárias e propícias à sua promoção, ocorrerá de forma natural. Enquanto educador(a) de infância, é fundamental que se esteja consciente dos impactos que o mesmo acarreta para todos os seus intervenientes, nomeadamente, para as crianças que foram o centro da presente investigação, e serão sempre a base do seu trabalho.

É fundamental que o educador de infância, olhe para cada criança e respetiva família, como única, sendo capaz de decifrar as suas características individuais e respeitá-las,

ajustando o envolvimento em consonância com os seus perfis. A comunicação regular e eficaz com a família e a criança revela-se um ponto essencial para alcançar a união entre jardim de infância e a família, conseqüentemente, promovendo o trabalho colaborativo em prol do bem-estar da criança. Para além disso, é igualmente importante salientar que os ritmos de cada criança e família não são obviamente iguais, pelo que se deve respeitar também as suas individualidades, devendo o educador adaptar-se às mesmas.

Outro dos requisitos que um educador deve evidenciar para obter o envolvimento da família no jardim de infância, remete para a sua empatia, pois, muitas vezes, terá de ser capaz de se colocar no lugar do outro, em especial da criança e da família. Como qualquer equipa, para alcançar sucesso, é desejável que entre os intervenientes do processo de envolvimento, sejam clarificados os papéis de cada um, definindo-se fronteiras geracionais.

Ser educador é isto mesmo, ter a capacidade de se adaptar às crianças e não o contrário. Recordando uma frase proferida por Lima (2018), oradora numa palestra intitulada “educar para a felicidade”, e que faz todo o sentido ter presente quando se reflete sobre a prática profissional diária: “Um educador não pode ser amador”. Uma frase tão simples que faz refletir sobre o/a educador/a que se pretende ser e, ao mesmo tempo, despertar a consciência de que se tem uma enorme responsabilidade pois, tal menciona Alves (1994), “ser mestre é isso: ensinar a felicidade”, e esta tarefa não pode ser desempenhada por alguém que ambiciona apenas ser amador, necessita de alguém seguro dos seus princípios, flexível e reflexivo, mas que sabe exatamente qual é a sua missão.

Todavia, os educadores não podem preencher o lugar das famílias na educação das crianças, sendo difícil desempenhar a parentalidade estando ausente do seu quotidiano. É preciso acompanhar o processo de desenvolvimento das crianças, pois tal como proferido pela docente e psicanalista Sá (2019) “o desenvolvimento de uma criança é parecido com o respirar. Na inspiração, a criança absorve, põe para dentro. Na expiração, a criança projeta o seu inspirar. E a isto, dá-se o nome de duplo movimento da relação família – criança”. Assim, compreende-se que para envolver a família no jardim de infância, é preciso que as mesmas sejam contagiadas naturalmente e de forma espontânea, pelo dia-a-dia deste local, mantendo-se predispostas a isso.

Para terminar, considera-se relevante em termos de futuro, proceder a uma investigação que evidencie eventuais diferenças entre crianças que contam com diferentes níveis de

envolvimento da família no jardim de infância. Assim, conseguir-se-ia, certamente, comprovar o impacto que o envolvimento das famílias, tem no desenvolvimento e bem-estar das crianças.

Referências bibliográficas

- Alves, R. (1994). *A alegria de ensinar* (3ª ed.) São Paulo: ARS Poética Editora.
- Azevedo, M. & Maia, A. (2006). *Maus-tratos à criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2003). *A criança dos 3 aos 6 anos – o desenvolvimento emocional e do comportamento* (4ªed.). Barcarena: Editorial Presença.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brickman, N. & Taylor, L. (1996). *Aprendizagem Activa - Ideias para o apoio à primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cardona, M., Piscalho, I., Uva, M., Luís, H. & Tavares, T. (2013). *TODDLER Projeto Europeu: Envolvimento parental na educação das crianças pequenas. Guião de trabalho para profissionais de educação de infância*. Viseu: Psicossoma.
- Carrega, M. (2014). *Contributos para a Educação Ambiental no Pré-Escolar: Promoção de Parcerias Comunitárias no Planeamento de um Projeto de Educação Não-Formal a Implementar no Parque das Conchas e dos Lilases – Lumiar*. Dissertação Mestrado em Ecologia Humana e Problema Sociais Contemporâneos. Universidade Nova de Lisboa.
- Davies, D., Marques, R. & Silva, P. (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola-Família – A Caminho de uma Educação Participada*, Porto: Porto Editora.
- Ferreira, S. & Triches, M. (2009). O Envolvimento Parental nas Instituições de Educação Infantil. *Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ* (2), p. 51-52.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em educação. *Noesis* (18), p. 64-66.
- Fortin, M. (2000). *O processo de investigação - da concepção à realização*. Loures: Lusodidacta.
- Henry, M. (1996). *Young Children, Parents & Professionals. Enhancing the links in early childhood*. London: Routledge.
- Homem, M. (2002). *O Jardim de Infância e a Família – As fronteiras de cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Lima, G. (2018, outubro). *Educar para a felicidade*. Palestra na Escola Superior de Educação de Santarém, Portugal.

- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim-de-Infância/ Família*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação*, 2 (2), 49-65.
- Ministério da Educação. (1994). *Jardim de Infância/ Família – Uma Abordagem Interativa*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério de Educação e Ciência.
- Miranda, M. (2002). A Família como Primeiro Espaço Educativo. *Cadernos de Educação de Infância*, 62 (11-15).
- Pugh, G., De´Ath, E. & Smith, C. (1994). *Confident Parents, Confident Children. Policy and practice in parent education and support*. London: National Children´s Bureau.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sá, M. T. (2016). A importância dos inícios. *Interações*, 12 (41), p. 5-11.
- Sá, M. T. (2019, janeiro). *Um envolvimento para o crescimento*. Palestra na Escola Superior de Educação de Santarém, Portugal.
- Sarmiento, T. & Marques, J. (2006). A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas. *Interações*, 2(2), p. 59-86.
- Silva, A. (2011). *Desenvolvimento Infantil. As competências e o desenvolvimento das crianças dos 0 aos 2 anos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando Crianças dos Três a Oito Anos*. Porto Alegre: ArtMed.
- Yin, R. (1994). *Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos* (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.